

PADRE ANTÔNIO VIEIRA E O SERMÃO DA SEXAGÉSIMA: O PREGADOR E SUA RETÓRICA DIALÉTICA

Rafael Peres¹

Resumo: Este artigo tem como proposta empreender um estudo sobre os mecanismos retóricos do *Sermão da Sexagésima*, do Padre Antônio Vieira, tendo em vista os procedimentos usados para impressionar seus ouvintes, sensibilizando-os. Em se tratando de oratória, percebe-se que há um campo bastante profícuo para análise. Em todas as áreas do conhecimento, precisa-se de oradores eloquentes, aptos em lidar com a palavra. Por isso, trataremos dessa matéria, estudando seus principais aspectos, apoiados por bibliografias que fundamentem um breve inventário sobre o discurso vieiriano, importante exemplo de retórica para a posteridade.

Palavras-chaves: Literatura barroca. Virtude e moral. Retórica. Tratado dialético. Figuras de linguagem.

Abstract: This article aims to undertake a study of the rhetorical devices of the *Sermão da Sexagésima*, of the priest Antonio Vieira, given the procedures used to impress your listeners, sensitizing them. When it comes to public speaking, it can be noticed that there is a very useful field for analysis. In all areas of knowledge, needed eloquent speakers, able to deal with the word. This way, we will deal with this matter by studying its major aspects, supported by bibliographies to justify a brief inventory of the vieiriano speech, important example of rhetoric for posterity.

Keywords: Baroque Literature. Virtue and morality. Rhetoric. Dialectical Treaty. Figures of speech.

¹ Nasceu em Patos de Minas, Minas Gerais, em 1986. É graduado em Letras pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM). Atualmente, é mestrando em Teoria Literária na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Barroco brasileiro reflete sua dinâmica não só em obras artesanais, pictóricas ou musicais, como também se apresenta articulando-se à literatura com rebuscado primor. Associado à palavra em toda a sua extensão significativa, ele se consolidou como balizador de textos de cunho religioso, político e social, por causa da ênfase discursiva que as inovações estruturais e temáticas possibilitaram. O Padre Antônio Vieira não pode ser considerado um homem barroco somente pela excelência de suas obras, mas também pelos diversos encargos e funções que exerceu ao longo de sua vida.

Ao vir para o Brasil durante o processo inicial de colonização, Vieira acabou criando um forte vínculo com a nova terra. Logo que chega, ingressa no Colégio dos Jesuítas da Bahia e em 1623 entra na Companhia de Jesus, na qual assume o ofício sacerdotal, já disposto a tomar parte em incursões missionárias pelo vasto território da colônia. A fama e eloquência de suas palavras rapidamente fizeram com que ele participasse de missões diplomáticas em Paris e Lisboa. Tinha notável prestígio com o rei D. João IV, mas, após sua morte, ficou à mercê dos inimigos, pois estes tinham influência junto à rainha. Diante de sucessivos ataques e decretos de prisão, o padre, inevitavelmente, teve que suportar a amargura do claustro. Quando foi liberto, dirigiu-se à Suécia, onde começou a frequentar os nobres salões da rainha Cristina como orador e pároco. Retornando a Portugal em 1675, tenta restabelecer-se entre os lusitanos, porém, uma grande melancolia perturba-o, fazendo com que ele retorne definitivamente ao Brasil (LINS, 1962).

A eficácia e o engenho de sua literatura contribuíram para elevá-lo a um patamar culto, mediante o qual Vieira justificou-se como personalidade de erudição e apego social. Ressaltando sempre suas diversas experiências, o jesuíta tornou-se barroco, assim como seus textos, pois devemos considerar “que o mesmo foi quase tudo em alto grau: prosador, orador, humanista, diplomata, estadista, missionário, filósofo e, acima de tudo, um bravo e heróico professor de energia” (LINS, 1962,

p. 9). Um de seus sermões mais conhecidos é *O Sermão da Sexagésima*, cuja composição faria Vieira consolidar-se como o principal orador do período barroco no Brasil. Para sintetizar alguns dos principais valores e estratégias empregados nesse sermão², este trabalho pretende abordar suas cinco primeiras partes, as quais tratam da figura do pregador e sua oratória, destacando-as como fonte de pesquisa sobre o discurso vieiriano. Estudá-lo é de suma importância, já que seu legado, além de gratificar o leitor com um tesouro de artifícios retóricos, também o moraliza com um áulico inventário sobre ética e virtude.

2. O SERMÃO DA SEXAGÉSIMA: TRATADO DIALÉTICO DENTRO DA ESTÉTICA BARROCA

O termo *Barroco* provém da palavra francesa *Barróque*, que significa *pérola irregular* (CUNHA, 2001, p. 59). Tal etimologia demonstra que esse estilo de época expressa o insólito, conseguindo que o mesmo seja belo e rico esteticamente. A ideologia de tal período espalhou-se por toda a Europa, mediante os espanhóis Luís de Gôngora e Quevedo, os quais tiveram forte influência não só no velho continente, como na América colonial. O estilo desses escritores começou a espalhar-se no fim do século XVI, revolucionando as manifestações artísticas até na segunda metade do século XVII. Em sua verve estilística, nasceram duas formas que caracterizaram todas as produções dessa época: o conceptismo e o cultismo. A primeira valoriza o conteúdo e, principalmente, a liberdade e desenvoltura de ideias, gerando o aparato lúdico da composição artística. Já na segunda, predomina a escolha de elementos de pompa e requinte para a execução da obra, conferindo-lhe dinâmica e poder argumentativo.

² Há de se salientar que este estudo atém-se somente às cinco partes do sermão, porque este, se fossem analisadas suas divisões restantes, alongar-se-ia demais, não se adequando à proposta de síntese. O estudo deverá focar-se, mormente, no papel do pregador enquanto retor e as engrenagens de seu discurso.

Quando se diz que o Barroco é insólito, deve-se exemplificá-lo quanto às suas propostas, identificando suas tendências e particularidades. Suas principais características são a dúvida e o pessimismo, dado que a ambiguidade é a sua causa. Eis os principais adutores inerentes a esse período:

O homem barroco estaria diante desse dilema entre o céu e a terra, o pecado e a salvação, a mística e a sensualidade, a santidade e o liberalismo, só havendo para ele uma saída: acolher os pólos opostos. Sua alma ficou assim, uma alma agônica, polarizada entre opostos, dilemática, paradoxal. [...] A arte barroca representa essa contradição, oscilando entre o clássico e pagão e o medieval e cristão, apresentando-se como uma arte indisciplinada. [...] Assim, valores como o humanismo, o gosto pelas coisas terrenas, as satisfações mundanas e carnavais, trazidos pelo Renascimento, que era caracterizado pelo racionalismo e equilíbrio, imbricam-se a valores espirituais trazidos pela Contra-reforma, com idéias medievais, teocêntricas e subjetivas. [...] A construção da linguagem barroca acentua e amplia o sentido trágico desses temas, ao fazer o uso de uma linguagem de difícil acesso, rebuscada, cheias de inversões e de figuras de linguagem (LOURES, 2003, pp. 3, 4).

A partir das colocações aqui estabelecidas, pode-se empreender uma análise direcionada à literatura luso-brasileira do século XVII. Os textos literários dessa época evocaram os atributos acima, sendo eles produzidos sob os dogmas católicos, um tributo à fé e à transcendência divina. Surge, então, o infatigável Vieira, cultor da virtude e da eloquência, ambas sublimadas em um de seus sermões mais polêmicos e surpreendentes: *O Sermão da Sexagésima*. Com base nessa obra, abrem-se as portas do Brasil colonial para a literatura barroca³. Esse discurso foi pregado em Lisboa, na Capela Real, no ano de 1655. Podemos atribuir uma função metalinguística a essa obra, na qual o jesuíta sempre estampa a moral radicada no

³ O poeta Bento Teixeira insere o Barroco no cenário luso-brasileiro com seu poema *Prosopopéia*, em homenagem a Albuquerque Coelho, terceiro donatário da capitania de Pernambuco. Não obstante, deve-se ressaltar que tal obra não teve vigor entre os críticos e, por isso, não conseguiu firmar-se como marco inicial daquele período, legitimando os sermões de Vieira como coadjuvantes do estilo na colônia.

orador sacro (LINS, 1962). Durante a calorosa arguição das circunstâncias, nota-se a disposição peculiar dos ornamentos discursivos. Estes se apresentam da seguinte maneira:

1º APRESENTAÇÃO (EXÓRDIO)

2º QUESTIONAMENTOS E COMPARAÇÕES (DESENVOLVIMENTO)

3º CONCLUSÃO (PERORAÇÃO)

Esse aparato silogístico confere dinâmica ao sermão, possibilitando, ao mesmo tempo, a seguinte disposição: 1º – plano executado baseado no tema; 2º – dúvida e reafirmação do tema; 3º – apelação aos ouvintes para seguirem o proposto. Junto a essa estrutura, o jesuíta utilizou várias figuras de linguagem, cujo estudo será o norte para se compreender o labor retórico das cinco partes de seu discurso.

2.1. A PESSOA DO PREGADOR

Ao discorrer sobre a pessoa do pregador, o Padre Antônio Vieira enfatiza que este não pode prender-se só às suas palavras: ser eloquente e não agir segundo os preceitos cristãos é satisfazer as próprias vaidades. Se o missionário não for exemplo de virtude e moral, também não o é durante suas pregações. O jesuíta é tão contundente ao propor tais ensinamentos, que exagera em sua exposição. Apesar de usar com frequência a hipérbole, ele não deixa seu sermão tornar-se enfadonho e cansativo. Ele sempre postula pela oratória livre e despreocupada, sem arranjos desnecessários.

Retomar essas atribuições exige que se explique o método do qual se valeu o Padre Antônio Vieira para escolher esse estilo. Ao optar pelo conceptismo como ferramenta usual do discurso, o missionário contradiz implacavelmente o

cultismo, também conhecido como gongorismo. O jesuíta opõe-se a Gôngora e seus seguidores por causa do estilo afetado e pomposo de seus textos “afeitos ainda às sutilezas da Escolástica, que representava o ensino filosófico da época” (VIEIRA, in: LINS, 1962, pp. 234-235). Porquanto, ao se falar em “exagero”, não significa que Vieira usou sobremaneira um estilo formal e culto. Em contrapartida, preferiu uma estética livre que combatesse o padrão elevado e obscuro utilizado pelos escritores ibéricos.

As inferências de Vieira sobre a pessoa do pregador têm como suporte as sagradas escrituras. O missionário faz colocações embasadas em passagens do evangelho e introduz frases latinas ao longo do texto; características estas que aparecerão na abordagem sobre o espírito eloquente do pregador. Usando o latim e o discurso bíblico para justificar suas palavras, o jesuíta consegue amplo e notável respaldo em sua oratória. A estratégia de pergunta e resposta, bem como as anáforas e os diversos tipos de comparações imprimem ardor dialético à questão da figura do pregador e sua relação com o ouvinte⁴.

O missionário trabalha com a linguagem, acumulando-a propositadamente a fim de persuadir o ouvinte e repreendê-lo. Fica evidente que o *exemplum* do orador é de extrema importância para “semear” a palavra de Deus. Sem um testemunho, o sacerdote fica submisso à rigidez do discurso, não colhendo os seus “frutos”. Trabalhando o conteúdo (conceptismo) em função do ouvinte, Vieira consegue instigá-lo a usar a lógica e a razão. Dessa forma, o padre deixa transparecer a profusão de elementos linguísticos, usados durante a argumentação de seus ensinamentos. Nota-se que há um desdobramento de todos esses recursos para sistematizar a relação entre pregador (semeador) e ouvinte.

O jesuíta é mais afeito à ideia do conceptismo pelo fato de ela se contrapor ao estilo empedado dos cultistas. Por isso, segundo ele, a pessoa do pregador tem que ser regida por duas concepções: 1ª – Sabedoria para distinguir o momento propício de usar o discurso catequético e como usá-lo, unindo a sagrada

⁴ Essas figuras de linguagem aparecem em abundância durante as colocações do jesuíta sobre a ciência, a matéria, o estilo e a voz.

escritura e a experiência de vida sem lhe afetar a essência e os dogmas. 2ª – Postura diante da sociedade e de si mesmo antes de “semear” a palavra de Deus.

2.2. CIÊNCIA

Vieira (in: LINS, 1962, p. 243) é taxativo a respeito do tipo de ciência que o pregador deve utilizar em seu sermão: “O pregador há de pregar o seu e não o alheio”. O jesuíta afirma que o verdadeiro sacerdote é aquele que segue sua própria conduta durante a pregação. Ele nunca deve usar os métodos do outro, mesmo que estes sejam instituídos de valores verdadeiros. A criatividade do orador equivale à sua vivacidade espiritual. O missionário reitera que, só assim, os ensinamentos serão assimilados pelos ouvintes. Ao plagiar uma pregação, a real essência do que se fala é descartada, pois esta tem que se estabelecer entre o juízo do emissor e do receptor por meio de uma comunhão íntima e recíproca. Para justificar tais assertivas, eis um exemplo em que Vieira (in: LINS, 1962, p. 244) explica a relação entre a ciência do pregador e o ouvinte: “[...] porque o que há de dizer o pregador não lhe há de sair só da boca; há lhe de sair pela boca, mas da cabeça. O que sai só da boca, pára nos ouvidos; o que nasce do juízo penetra e convence o entendimento”.

O missionário diz que os sentidos são somente os condutores da mensagem, e não os responsáveis por sua formação. Utilizá-los, valendo-se da palavra de outrem, é dar importância ao que se ouve e se fala e não ao que se pensa. Desde a antiguidade clássica, existe a preocupação de se refletir sobre a verdadeira ciência da oratória. Vieira também se preocupa em refletir sobre esse tema e suas implicações. Em *O Sermão da Sexagésima*, ele utiliza sua oratória para apontar virtudes e emendas sobre a mesma. Com o intuito de identificar duas vertentes didáticas referentes ao discurso do retor, estudaremos seus conceitos mais

relevantes. Ademais, cotejaremos as inferências do orador clássico Quintiliano⁵ com as acepções de Vieira.

2.3. A MATÉRIA

Vieira (In: LINS, 1962, p. 241) define que “o sermão há de ter um só assunto e uma só matéria”, defendendo assim, o pregador que escolhe uma linha de raciocínio e mantém-se firme nesta. São pertinentes suas colocações ao discorrer sobre a matéria, pois, se esta se multiplicar, o orador entrará em contradição e, certamente, não conseguirá estabelecer um padrão retórico. O Sermão da Sexagésima é o *exemplum* que se contrapõe a essa incoerência. O fato de o jesuíta dividi-lo em dez partes e compor um *topos* específico para cada uma, já constrói um esquema em conformidade com as aspirações do missionário, sejam elas políticas, sociais ou religiosas.

Quintiliano, em sua obra *Institutio Oratoria*, orienta o orador a impor limites e educar-se, para que sua retórica não se dilua em vários pensamentos. É necessário ao retor medir sua impetuosidade ao discursar, estabelecendo, para isso, um planejamento metódico. Sobre essas asserções, Beatriz Ávila, com base nas inferências do poeta romano, faz os seguintes apontamentos:

Modestus é aquele que tem *modus*, isto é, senso de medida. E, para Quintiliano, este senso apenas o *eruditus* o possui, o que nos leva a concluir que o senso de medida do orador é considerado por Quintiliano como algo adquirido, desenvolvido por meio de uma educação. Realmente, uma das funções do estudo da *doctrina* ou *ars dicendi* é o desenvolvimento da *modestia* no orador. Os preceitos do dizer, o seu método (*ratio*), a *doctrina dicendi* fornece limites e padrões seletivos [...] (QUINTILIANO, apud VASCONCELOS, 2005, p. 33).

⁵ Poeta e orador romano do séc. I d. C.

Concluimos que é mister ao orador seguir dois parâmetros essenciais para se alcançar a *modestia* (medida): 1º – praticar a doutrina (*doctrina*), 2º – criar e ampliar métodos (*ratio*). Como Vieira salienta, tais preceitos são importantes para se trabalhar a matéria do discurso e seus quesitos retóricos (voz, pessoa). Embora seja repleta de *tropos* (o que se opõe à *modestia*), a linguagem usada pelo jesuíta possui um esquema embasado numa doutrina rica e hábil, patente no modelo de vida do missionário. Encontra-se aí a oposição entre o clássico e o moderno: linguagem simples e clara, porém, carregada de ornamentos.

2.4. O ESTILO

O teocentrismo do discurso vieiriano é uma característica medieval, no entanto, pósteros ao Classicismo, percebemos também o predomínio de um estilo “muito fácil e muito natural” (LINS, 1962, p. 238). O jesuíta consegue fundir oratória sacra e retórica clássica, desvencilhando-se da pompa e do formalismo dos gongóricos. Estes são os principais alvos do missionário ao discorrer sobre o estilo. O missionário compara a pregação com a maneira de semear, ou seja, o discurso deve ser feito de modo natural e simples, como a semente que cai na terra. Ademais, para ela germinar e crescer, é necessário que ela “caia” de três modos:

Há de cair com queda, há de cair com cadência, há de cair com caso. A queda é para as coisas, a cadência para as palavras, o caso para a disposição. A queda é para as coisas, porque hão de vir bem trazidas e em seu lugar; hão de ter queda. A cadência é para as palavras, porque não hão de ser escabrosas nem dissonantes; hão de ter cadência. O caso é para a disposição, porque há de ser tão natural e tão desafetada que pareça caso e não estudo (VIEIRA, in: LINS, 1962, pp. 238-239).

Percebe-se o quanto Vieira é hábil ao trabalhar com a alegoria da semente. Ele relaciona metaforicamente a “metodologia da queda da semente” com

o uso da palavra durante sua arguição: Queda (A) → coisas (a); cadência (B) → palavra (b); caso (C) → disposição (c). A seguir, reafirmando tais analogias, o missionário explica cada uma estabelecendo prós e contras. Assim, a passagem bíblica do semeador transforma-se em instrumento retórico, devido ao silogismo possibilitado pelas figuras de linguagem. Por meio desse recurso, o missionário critica veementemente os oradores que distorcem as palavras, afirmando que estas soam de modo indefinido e escabroso (LINS, 1962). Opondo-se a esse estilo afetado, o jesuíta cria dissensões e conflitos; e logo surgem inimigos na colônia e na corte portuguesa⁶.

Vieira mostra-se um autêntico perseguidor das diretrizes impostas ao discurso retórico de sua época. Diretrizes estas que também se associam aos declamadores, pois eles seguem regras e modelos, vertendo a oratória no âmbito prescritivo. Sem se darem conta da situação e do momento, eles preferem decorar suas falas ao invés de articulá-las de modo subjetivo, indeferindo assim a expressão autônoma do orador. Entretanto, paralelos a essa autonomia humanista, estão os estigmas medievais, lembrando, mais uma vez, que o sermão de Vieira embasa-se nas sagradas escrituras, o que justifica a premissa de angariar fiéis utilizando os dogmas cristãos.

Quintiliano também se opõe ao uso da oratória como matéria institucionalizada e modista, criticando acidamente os declamadores de sua época por valerem-se da funcionalidade do ensino predicante. Segundo ele, a ostentação tem sua origem no que é rotulado como certo, e não no que é trabalhado em conformidade com o espírito audacioso e criativo do orador. Isso se dá pelo fato de

⁶ Não lhe desprazia ter inimigos e ninguém mais do que ele possui o talento de os adquirir. Era gozo seu. Onde quer que chegasse, a pouco espaço rompia batalha. O curso liso da existência, como um rio sossegado, sem o prazer das catadupas, e o embate da vaga nas rochas, não tinha para ele encantos. Amava os recontos e não desculpava oportunidades de satisfazer a inclinação. Começou provocando os dominicanos ou irmãos predicantes, seus êmulos, no Sermão da Sexagésima, em fevereiro de 1655. Na sua igreja, se viam adornadas as naves das pinturas que pretendiam ser as efigies dos indivíduos sacrificados no patíbulo à pureza do catolicismo. Com esse tribunal, onde era a ordem preponderante, tinha Vieira contas em aberto, e ele, como toda a gente, o sabia. Tudo isto dava aspecto não destituído de grandeza ao repto que lhe lançava do púlpito (AZEVEDO, in: LINS, 1962, p. 165).

o declamador supor que sua arguição é bem fundamentada por padrões elevados e cultos, escolhidos sob supervisão de docentes e catedráticos. De acordo com o poeta romano, esse comportamento levou os oradores a cometerem dois tipos de vícios: “[...] O desprezo pelo conhecimento da causa em questão e o gosto por extravagância de estilo. O primeiro vício é chamado [...] de *inscítia*, o segundo de *licentia*, e ambos foram vistos pelo autor da *institutio* como as principais causas da decadência da eloquência” (QUINTILIANO, apud VASCONCELOS, 2005, p. 31).

Concluimos que a *inscítia* e a *licentia* não podem corromper o estilo do orador, pois estas olvidam o propósito estabelecido entre o emissor e o receptor da palavra: anunciar a verdade, unindo o sujeito à sua experiência de vida. Apesar de a eloquência ser uma ferramenta primordial no *Sermão da Sexagésima*, não há nele um sentimento tomista e vaidoso. Essa perspectiva é determinante para se edificar um discurso sobre a relação entre Deus, homem e mundo. Temos, portanto, o estilo e a linha filosófica do Padre Antônio Vieira.

2.5. A VOZ

Eis a metáfora em que Vieira demonstra o efeito que a voz do pregador deve incutir nos ouvintes:

A nuvem tem relâmpagos, tem trovão e tem raio: relâmpago para os olhos, trovão para os ouvidos, raio para o coração: com o relâmpago alumia, com o trovão assombra, com o raio mata. Mas o raio fere um a um, o relâmpago a muitos, o trovão a todos. Assim há de ser a voz do pregador – um trovão do céu, que assombre e faça tremer o mundo (VIEIRA, in: LINS, 1962, p. 246).

Vieira refere-se aos pregadores que utilizam a voz para sensibilizar os ouvintes. Segundo ele, a pronúncia da palavra tem de ser como um trovão.

Inicialmente, em seu discurso, existe a dúvida entre a razão e os sentidos. Qual dos dois o pregador deve dar mais relevância? Ao fazer conjecturas a respeito do melhor caminho a seguir, o jesuíta acaba cedendo à importância dos sentidos. Se a voz fosse direcionada à razão, esta teria de ser aquela que “arrazoa”, e não aquela que “brada”.

Vieira concluiu que a voz forte surtiria efeito mais benéfico para o ouvinte. Os sentidos do homem são mais persuasivos do que sua racionalidade. Apesar de contrariado, o jesuíta percebe que este é o único caminho pelo qual ele pode ter êxito em sua missão catequética. Para justificar essa postura, ele recorre a algumas citações bíblicas, adequando-as segundo suas intenções⁷. Com isso, o missionário defende que o brado tem o poder de mover vontades, pois estimula os sentidos dos homens. Constatamos, então, que seu discurso está voltado para o homem emotivo, no qual o tom de voz é usado para instigá-lo a aquiescer os ditames do pregador. Nota-se, nessa postura, a dicotomia entre o ponto de vista de Vieira e a ideia clássica de Quintiliano, a qual ilustra, a saber: “[...] um divertido e importante retrato do mau orador e do mau retor no final do século I d. C., com seus discursos pomposos, mas sem coesão e sem argumentação coerente, acompanhados de uma profusão de gestos esbaforidos e de uma elevação constante e indevida da voz” (VASCONCELOS, 2005, p. 26).

Outra vez, revela-se a oposição entre o clássico e o moderno dentro do discurso vieiriano. Porém, como foi visto antes, o jesuíta e o orador romano compartilharam de ideias semelhantes sobre a arte e a ciência da retórica.

Entendemos que o padre Antônio Vieira utilizou habilmente todas as características da literatura barroca, em deferimento da catequese como tratado filosófico e dialético. Portanto, as ambiguidades nas cinco partes do *Sermão da Sexagésima*, bem como as figuras de linguagem, adjetivações e conjunções, além de

⁷ São João Batista foi questionado sobre quem ele era e o mesmo respondeu: “Eu sou uma voz que anda bradando neste deserto”. Cristo, ao ser condenado por Pôncio Pilatos, só o foi por causa dos brados do povo e dos escribas para que fosse crucificado (LINS, 1962, pp. 245, 246).

mostrarem um estilo denso e carregado, revelam também o conflito existencial do homem barroco, afligido pelas sombras da morte.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O prélio de Vieira contra os dominicanos gongóricos não se restringia somente aos ataques à má oratória. As invectivas também se direcionavam à prepotência dos membros da ordem, pois eles, que se vangloriavam “de haver percorrido outrora, em pregações, a Índia e a Tartária, e povoado de mosteiros a Pérsia, a Arábia e a Etiópia, tinham nos últimos tempos, muito arrefecido o zelo apostólico” (AZEVEDO apud LINS, 1962, pp. 165, 166). No *Sermão da Sexagésima*, Vieira⁸ defende as missões jesuíticas na colônia, em detrimento das missões dominicanas: “Ah! Pregadores! Os de cá, achar-vos-eis com mais *paço*, os de lá, com mais *passos* – *exiit seminare*.” O padre entendia que as missões da companhia de Jesus arriscavam-se sobremaneira, catequizando na colônia, enquanto seus êmulos ficavam “no cômodo das cidades”, atacando-as e ganhando prestígio com ensinamentos empolados e superficiais.

O missionário era categórico ao concluir que os pregadores jesuítas são mais ascéticos por escolherem uma retórica simples, autêntica e contumaz; ao contrário dos dominicanos, que prezavam discursos pré-estabelecidos por moldes. Por isso, Vieira era o infatigável dialético, aquele que sempre procurava a verdade, elaborando assim um verdadeiro tratado sobre ética e retórica. Seu paradigma era essencial para o pregador que realmente aspirava moralizar o ouvinte com os dogmas cristãos. Para isso, quem ouve deve sentir-se frustrado consigo e com suas atitudes. Portanto, o melhor pregador é aquele que não atrai aplausos para si, mas aúfere temor no indivíduo perante suas próprias atitudes. O Padre Antônio Vieira era o espelho de seus atos, refletindo-se em suas próprias palavras, pois, com esse artifício, promovia a autorreflexão do ouvinte. Pensando sobre sua condição

⁸ In: LINS, 1962, p. 166.

humana, o sujeito passa a duvidar de si e do mundo, o que faz jus aos desenganos do período barroco. Eis, então, o pregador e seu tratado dialético, o homem que falava sobre Deus e seus preceitos morais por meio de sua retórica eloquente. O *Sermão da Sexagésima* é a prova de que Vieira foi quem melhor conseguiu articular as virtudes cristãs, demonstrando assim o *exemplum* ideal de oratória sacra.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

LINS, Ivan. *Aspectos do Padre Antônio Vieira*. São Paulo: Editora Revista dos tribunais S. A, 1962.

LOURES, Camila Hallack. A literatura barroca no Brasil e a ética da psicanálise. *Psicanálise & Barroco em revista*, Juiz de Fora, volume 1, número 1, p. 1-46, 2003, p. 3-4. Disponível em << <http://www.psicanaliseebarroco.pro.br> >>. Acesso em 03/02/2013.

VASCONCELOS, Beatriz Ávila. *Ciência do dizer bem – concepção de retórica de Quintiliano em Institutio Oratoria*. São Paulo: Associação editorial Humanitas, 2005.

VIEIRA, Antônio. *Sermão da Sexagésima – Sermões escolhidos*. Vol. II. São Paulo: Edameris, 1965.